

# Motuca. Agronegócio e qualidade de vida

**M**otuca debutou este ano. Aos 15 anos a jovem cidade vive o frescor da adolescência mas com maturidade centenária. Os primórdios da cidade datam de 1892, quando a Companhia Paulista de Estrada de Ferro instalou ali sua estação para transportar gado e café, muitas famílias atraindo para o local. Uma região com água em abundância e uma beleza natural que soma rios, córregos e cachoeiras. Só havia um inconveniente, a presença de um inseto peculiar da região que se concentrava nas margens dos rios. Por isso o nome Motuca.

Os primeiros imigrantes a trabalhar na região eram portugueses. Por volta de 1908 chegaram os japoneses, que introduziram na economia local os hortifrutigranjeiros. A mais antiga colônia japonesa do Brasil era a de Motuca, mas hoje ela é só história. Nos anos 50 a cana-de-açúcar chegou à cidade, e 8 anos depois a Usina Santa Luíza se instalou no povoado ainda pertencente a Araraquara. A emancipação política aconteceu em 1990, mas o primeiro prefeito só foi empossado em 93. Hoje, com cerca de 4.200 moradores, Motuca é uma cidade modelo. As assistentes sociais da Prefeitura não gostam muito do termo, têm medo que aconteça com a cidade o que aconteceu com Ribeirão Preto quando foi taxada de "Califórnia Brasileira". A cidade tem problemas sim, mas em uma escala muito pequena. Não há favelas nem cortiços em Motuca. A cidade é toda asfaltada,

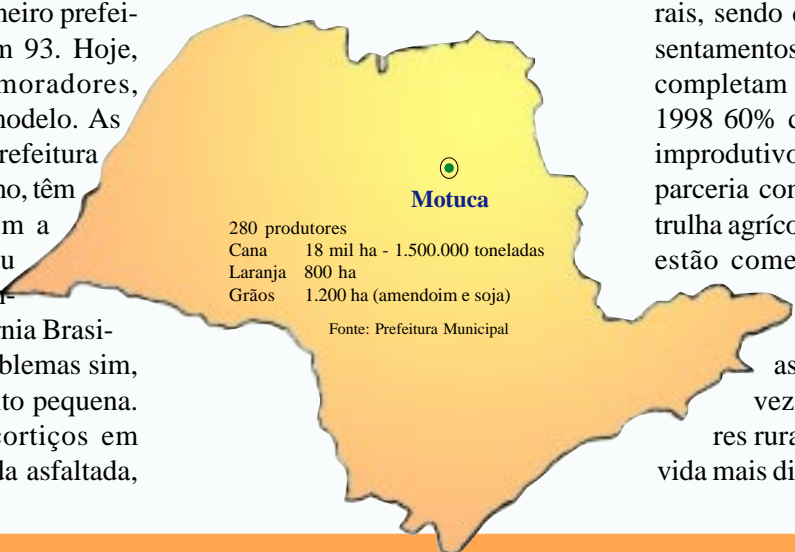


Foto: Prefeitura Municipal de Motuca

Região central de Motuca

o esgoto é 100% coletado e enviado para 4 lagoas de tratamento. O lixo, apesar de ser todo recolhido, não tem um destino correto, problema que deverá ser resolvido no próximo ano quando que terminar a atual safra, a Usina Santa Luíza vai ceder uma área para o aterro sanitário. O único posto de saúde tem 6 médicos contratados e a cidade conta ainda com 2 programas de saúde da família, um urbano e um rural. Mas não há hospital. A Prefeitura repassa subvenção para hospitais de Araraquara.

A educação é um capítulo impor-



tante. A cidade optou pelo ensino fundamental de 9 anos de duração, e usa o material de uma rede particular para os alunos de 6 a 14 anos. Fora do horário de aulas, projetos especiais acolhem as crianças, seja nas escolas de esporte: natação, futebol e caratê, principalmente, ou no projeto Caminho Certo, que aproveita a vocação agrícola da cidade para trabalhar com os jovens. Tudo o que é produzido é utilizado nas escolas e creches, ou vendido a preços subsidiados para a

população. Outro projeto de destaque é o do tear. Homens e mulheres trabalham juntos produzindo peças exclusivas, de jogos americanos e echarpes a tapetes, num trabalho que começa com a lavagem da lã e que termina em lojas espalhadas pelo Brasil. Os clientes começam a descobrir os artistas de Motuca.

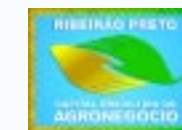
Somente 7% da população economicamente ativa está desempregada. O maior empregador é o agronegócio, seja na colheita de laranja, corte de cana ou ainda na Usina.

A cidade tem 280 produtores rurais, sendo que 220 estão nos 4 assentamentos do Itesp, que este ano completam 20 anos. Até o ano de 1998 60% dos assentamentos eram improdutivos e hoje, graças a uma parceria com a Prefeitura e sua patrulha agrícola, e a iniciativa privada, estão começando a escrever uma nova história. Uma história de sucesso onde os assentados, pela primeira vez, se vêem como produtores rurais, obtendo renda e uma vida mais digna.



Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto

## Educar e sonhar



*“Se destruírem as cidades, mas conservarem os campos, as cidades ressurgirão, mas se destruírem os campos e preservarem as cidades, as cidades perecerão.”*

Com esta frase de Benjamin Franklin, patriarca da independência norte-americana, homem conhecido por seus inventos, entre eles o pára-raio, e suas idéias iluminadas, o Ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, encerrou mais de duas horas de palestra para os professores do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”.

“Se esta frase ficar marcada para os professores, cumpri meu papel”, disse o Ministro ao final da palestra. Explicitar esta relação campo cidade tem sido um trabalho de muitos anos para Roberto Rodrigues, que preferiu uma “senhora aula” de agronegócio para os mais de 400 professores e outros 200 convidados.

Pelo quinto ano consecutivo os



Ministro Roberto Rodrigues capacita professores do Programa Educacional da ABAG/RP

professores do Programa tiveram o privilégio de ouvir e aprender com uma das pessoas que mais conhecem o agronegócio brasileiro e mundial em todas as suas nuances, da econômica à histórica e social. Exatamente por isso é que no final da palestra, num sábado ensolarado, os educadores saíram com a sensação de que valeu a pena ter participado. A maioria dos professores viajou para participar do evento. Alguns saíram de suas cidades muito cedo, como os de Miguelópolis, às 6h30 da manhã. Eles vieram de 43 cidades da região, re-

presentando 90 escolas estaduais.

São estes professores, que fazem do Programa Educacional “Agronegócio na Escola” um exemplo de como a iniciativa privada pode incentivar a educação e melhorar a relação do adolescente com a escola. O trabalho feito de forma multidisciplinar, usando exemplos práticos para contextualizar o aprendizado, tem dado nova energia para as instituições e seus educadores. São eles que lidam diariamente com uma diversidade muito grande de jovens, e precisam de ferramentas modernas e envolventes para fazer com que estes se interessem pela educação, aprendam a driblar as adversidades do dia-a-dia e, principalmente, sonhem.

Este ano cerca de 17.200 estudantes serão beneficiados com o Programa. Para eles, cabe a frase de Walt Disney que foi gravada na placa de agradecimento entregue ao Ministro Roberto Rodrigues: **“Se você pode sonhar, você pode fazer”**.



Platêia de mais de 600 pessoas participa ativamente da palestra do ministro Rodrigues

# Roberto Rodrigues fala sobre Educação

**A história do Brasil, passada de geração para geração, faz jus à importância da agricultura no desenvolvimento do País?**

A agricultura, que é o eixo das cadeias produtivas do agronegócio, faz com que estas cadeias componham o setor mais importante da economia social do país. Afinal de contas, o agronegócio representa 30% do PIB nacional, gera 37% de todos os empregos que o país tem e é responsável por 43% das nossas exportações. No entanto, não é esta a percepção que a sociedade brasileira tem desse setor. Se considerarmos que uma cadeia produtiva tem na agricultura o seu centro e o seu motor, então qualquer pessoa que, de uma forma direta ou indireta dependa da agricultura, deveria reconhecer isso e ter essa informação muito clara. Mas, isso infelizmente não acontece. Nem todo mundo se lembra, por exemplo, que uma calça jeans só existe porque alguém plantou algodão, que sapatos, carteiras, cintos, bolsas e assentos de couros só existem porque alguém plantou um pasto onde criou um boi, que depois de virar carne no frigorífico, deu origem ao couro com o qual se fez tudo isso.

Ninguém se lembra que uma gravata de seda só existe porque alguém plantou amora e deu para o bicho da seda comer até ele fazer o casulinho, do qual se extrai o fio com que se faz a seda. Ninguém se lembra que o pneu de borracha existe porque alguém está plantando seringueira. Ninguém se lembra que a cerveja existe porque alguém planta cevada; que o papel existe porque estão plantando árvores; que o perfume existe porque alguém planta flores, e assim por diante.

De modo que a história brasileira, passada de geração a geração, não dá essa informação ao estudante e ao cidadão comum do Brasil. Essa é uma falha que não acontece nos países desenvolvidos.

**O distanciamento entre o meio rural e urbano é um fenômeno brasileiro? O que pode ser feito para**

**melhorar a percepção que o cidadão urbano tem sobre o campo?**

Eu sempre defendi a tese de que esta percepção só melhorará quando o produtor rural fizer a difusão de que a locomotiva do Brasil e de qualquer país do mundo é a agricultura. Nenhum país nasceu industrial. Todos os países começam a se desenvolver a partir da geração de comida, porque sem comida nada pode acontecer em seguida.

A agricultura tem sido sempre o primeiro projeto econômico, e é da agricultura que dependem os demais setores. Porque sem produtores rurais ou pecuaristas, para quem produzir tratores, colheitadeiras, adubos, sementes, fertilizantes, defensivos agrícolas, corretivos? Para quem crédito e seguro se não há quem tome tudo isso? O produtor rural está a jusante dessa área de produção de insumos, é quem dá origem a essa área; e é ele também que está a montante do setor industrial, de armazenagem, de transportes, de embalagem e de distribuição. Todos estes setores dependem da agricultura e da pecuária.

Portanto, seria fundamental que o cidadão urbano tivesse noção de que a roupa que ele veste, de que a comida que ele come só existem porque tem um produtor rural, muitas vezes, produzindo sem nenhum tipo de seguro, enfrentando juros e impostos altíssimos e competindo com o protecionismo violento dos países desenvolvidos. Este fenômeno é muito típico de países em desenvolvimento, entre os quais o Brasil. Lembro-me de uma ocasião em uma viagem à Alemanha em que desci no aeroporto de Frankfurt e o taxista que me levou à cidade perguntou de onde eu era e o que eu fazia. Ao longo da conversa perguntei a ele se era importante ter subsídios ao leite na Alemanha. Ele falou: “claro que tem que ter subsídio ao leite, porque se não tiver vão acontecer duas coisas. Primeiro o produtor pára de tirar leite e vem tomar meu emprego na cidade e, segundo, vai faltar leite para os meus filhos. Então, é lógico que o governo e a sociedade precisam subsidiar o produtor rural para ele ficar na atividade e continuar produzindo”.

Esta é uma imagem que ainda não existe nos países em desenvolvimento, especialmente no Brasil.

**Como os países que têm a agricultura desenvolvida encaram a educação de seus jovens?**

Os países desenvolvidos sempre têm uma forma de transmissão de conhecimento ligada à realidade do país e ligada também à sua inserção internacional. O país que não tem conhecimento da sua realidade, dos fatos que cercam sua economia, a sociedade, as questões centrais que determinam o seu progresso, não pode ser um país desenvolvido e sério. Os países desenvolvidos, principalmente os de agricultura mais forte, sempre cuidam da educação com base na organização como instrumento de progresso e democratização desse país. Este é um ponto que nós precisávamos desenvolver em nossas universidades também.

**O modelo cooperativista é um caminho a ser seguido? De que forma ele pode contribuir para a construção da cidadania?**

O que diferencia um país desenvolvido de outro não desenvolvido é o grau de organização da sociedade. Quanto mais organizada uma sociedade, mais transparente ela é, mais democrática e menos sujeita às explorações de indivíduos de má fé, ou de segmentos que de uma forma ou de outra tentam tirar vantagens do coletivo social.

Ora, o cooperativismo é o braço econômico da organização da sociedade, assim como o sindicalismo é seu braço político e o associativismo é seu braço social. Então, é fundamental que o cooperativismo, um instrumento que distribui renda e que se transforma hoje na ponte entre o mercado e o bem estar social, seja desenvolvido enfaticamente para uma cidadania que seja digna do seu próprio conceito.

**Em outros países do mundo, onde o cooperativismo é desenvolvido e nos quais o senhor esteve**

**como presidente da Aliança Cooperativa Internacional, é perceptível a importância dada à educação voltada para o cooperativismo?**

Sem dúvida nenhuma. Em todos os países democráticos do mundo moderno é consensual que o cooperativismo é um instrumento perfeito para parcerias aos governos efetivamente democráticos. Por quê? Porque o que o cooperativismo persegue é exatamente o que persegue um governo democrático, que é emprego para todos, desenvolvimento harmonioso, segurança alimentar, defesa do meio ambiente, justiça, equidade social, educação e saúde. Todos estes quesitos, que são a base do desenvolvimento dos países modernos, são também conceitos que figuram nos princípios do cooperativismo. Portanto, a parceria entre a democracia dos governos e o cooperativismo é rigorosamente perfeita.

**Pelo quinto ano o senhor fez a palestra de capacitação dos professores do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”. Qual sua opinião sobre programas desta natureza?**

É um programa extraordinário exatamente porque escolheu um eixo central para a divulgação e difusão da idéia do agronegócio, da agricultura, da pecuária, do cooperativismo, como instrumentos de alavancagem do progresso econômico e social de um país. O que a ABAG/RP tem feito com este Programa é mostrar ao jovem, através de seus professores, que no fundo são os grandes formadores de opinião de uma sociedade moderna, este relevante papel que o setor primário da economia representa no crescimento do Brasil. De modo que é um programa exemplar e eu tenho um grande orgulho de ter participado das cinco versões, desde que ele foi inaugurado, porque ele representa um sonho com o qual trabalhei durante décadas, e que finalmente a equipe da ABAG de Ribeirão Preto tem transformado numa realidade.

**O Programa Educacional desenvolvido pela ABAG/RP tem o objetivo de valorizar o agronegócio e revelar caminhos e oportunidades, sem interferir na relação aluno/professor e nem impor ideologias. Qual o tipo de formação que o jovem brasileiro necessita hoje?**

Exatamente a formação que o leve na direção de trabalhar pela cidadania na acepção plena da palavra. A formação universitária hoje no Brasil é de alto nível, especialmente nas grandes universidades públicas, mas sempre com uma ênfase muito grande na questão tecnológica. É evidente que sem a formação de quadros técnicos de grande gabarito será impossível ser competitivo no mundo moderno. No entanto, não basta que a formação tecnológica seja fundamental e relevante. É também imperioso que o aluno saiba para quem está estudando e para quem aquela condição tecnológica é essencial. Não é para ganhar mais dinheiro, não é para produzir mais e melhor. É porque isto cria riqueza, renda, empregos para o país. Isto democratiza o país, dá melhores oportunidades para todos e cria uma sociedade mais feliz e mais igualitária. Essa sensação, essa formação cidadã que a universidade brasileira precisa prestar ainda não existe em todos os segmentos da educação brasileira.

**No mundo globalizado, onde é crescente a concentração de riquezas e a exclusão social, quais as perspectivas para o jovem brasileiro?**

Os jovens brasileiros são criativos, ágeis, inteligentes. Nós somos uma mistura de raças que cria um vigor híbrido que nos dá uma condição competitiva nata de grande qualidade. Mas a formação e as perspectivas dependem da capacidade que os jovens tenham de estudar, aprender, apreender e aplicar seus conhecimentos nas atividades econômicas, sociais e políticas do Brasil. Isto tem a ver, evidentemente, com a capacidade que as escolas e as universidades têm de dar a eles, essa condição competitiva com a consciência cidadã.

Como isto vem acontecendo ainda de forma incipiente, mas começa a acontecer, as perspectivas para os jovens brasileiros são excelentes. Temos condições de assumir em todos os campos de atividades posições de liderança mundial e incontestável.

**O senhor é um grande líder do cooperativismo e do agronegócio. Liderança se aprende na escola?**

Liderança é uma característica mais ou menos nata. Algumas pessoas nascem com a condição de liderar e outras jamais terão a condição de liderar. No entanto, a vida, a experiência e o aprendizado ensinam também as pessoas a desenvolverem a condição de liderança, de comando, de coordenação etc. De modo que liderança não se aprende na escola, mas a escola pode melhorar muito as condições dos líderes natos e criar companheiros de liderança formal bastante consistente.

**Quais as qualidades e habilidades desejadas de um líder?**

O líder é aquele que enxerga além da cortina do horizonte. Consegue compreender para onde deve conduzir seus liderados, consegue transmitir a eles que este é o caminho a ser seguido. Deles recebe a confiança e a credibilidade e consegue finalmente conduzi-los a um futuro melhor para todos. Este é o grande líder: aquele que sonha e constrói. Portanto, ele não pode ser uma pessoa sem sonhos, uma pessoa que não tenha o desejo e a vontade de construir um mundo melhor. Ele não pode ser uma pessoa que se entregue com facilidade aos percalços da vida e perca a vontade de lutar.

O líder nato, o líder permanente, é aquele que não desiste, que está permanentemente lutando ao lado de seus liderados, buscando a melhor condição de vida para eles.

Penso que quem talvez tenha definido com mais perfeição este papel e esta característica de um líder tenha sido Rudyard Kipling, em seu poema “Se”.